

REFLEXÕES SOBRE (IN)CERTEZAS EM TEMPOS DE POLÍTICA ARMAMENTISTA

REFLECTIONS ON (UN)CERTAINTIES IN TIMES OF ARMS POLICY

Carlos Alberto Silva da Silva¹

Marcelle Bittencourt Xavier²

Resumo: Objetivamos, neste artigo, refletir sobre os modos de significação da (in)certeza em enunciações na contemporaneidade. Para tanto, como materialidade para análise, selecionamos alguns atos de fala do presidente da República Jair Bolsonaro durante seu governo (2019-2022) e mais outros que se deram pouco antes, durante sua campanha eleitoral. Estes dizeres validam armar o povo brasileiro sob a justificativa de ser uma política de segurança pública que irá combater a “bandidagem”, além de evitar uma “ditadura comunista”. Para as análises, tomamos a certeza e a performatividade da linguagem a partir de estudos de Austin [1962]/(1990) e Elias de Oliveira (2020), dialogando com trabalhos de Wittgenstein (1969), Derrida (1990) e Butler (2003), além de perspectivas teóricas que veem o corpo performático em sua discursividade como acontecimento social/político. Assim, observamos nas relações entre palavra e corpo, que *dizer é fazer*, visto que o gesto presidencial legitima o Estado e os traficantes e as milícias a violentar e matar, sobretudo, a população negra, indígenas, trans, operários, trabalhadores rurais e refugiados. Também analisamos a política de morte e a gestão da saúde no cenário pandêmico que apresentou inverdades como certezas, tendo como efeitos de sentidos da linguagem o descumprimento de recomendações da OMS e o registro de mais mortes.

Palavras-chave: Performatividade. Corpo. Palavra. Discurso armamentista.

Abstract: We aim to reflect, in this text, on the modes of meaning of (un)certainty in contemporary utterances. Therefore, as material for analysis, we selected some speech acts by the President of the Republic Jair Bolsonaro during his government (2019-2022) and others that took place shortly before, during his electoral campaign. These sayings validate arming the Brazilian people under the justification of being a public security policy that will fight “banditry”, in addition to avoiding a “communist dictatorship”. For the analysis, we take the certainty and performativity of language from studies by Austin [1962]/(1990) and Elias de Oliveira (2020), dialoguing with works by Wittgenstein (1969), Derrida (1990) and Butler (2003), as well as theoretical perspectives that see the performative body in its discursivity as a social/political event. Thus, we observe in the relations between word and body, what to say is to do, since the presidential gesture legitimizes the State and the traffickers and militias to rape and kill, above all, the black, indigenous, trans, workers, rural workers and refugees. We also analyzed the death policy and health management in the pandemic scenario that presented untruths as certainties, having as effects of language meanings the non-compliance with WHO recommendations and the registration of more deaths.

Keywords: Performativity. Body. Word. Weapons speech. Dictatorship.

Introdução

Desde que o Governo Bolsonaro assumiu a presidência da República em 1º de janeiro de 2019 até fevereiro de 2022, mais de quarenta instrumentos, dentre os quais se destacam

¹ Doutor em Ciências da linguagem. Pós-doutoramento em Educação no PPGE/UFSC.

² Doutoranda em Linguística (UESB/PPGLin). Mestra em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (UESB/PPGCEL).

decretos, portarias e projetos de lei, foram editados com o objetivo de ampliar o acesso às armas e munições. Alguns desses instrumentos foram questionados no Supremo Tribunal Federal (STF). Apesar disso, o presidente Jair Bolsonaro defende o armamento da população como política pública de “segurança”, conforme levantamentos realizados via Lei de Acesso à Informação (LAI) e publicados por uma parceria entre o jornal O Globo e os institutos Igarapé e Sou da Paz. Nestes dados constam que, em 2021, o Exército concedeu mais de mil novos registros por dia para Caçadores, Atiradores e Colecionadores (CACs) no Brasil. Esse número é bem superior às 567 licenças de tal tipo concedidas diariamente em 2020. Ao longo de 2021 foram mais de 388 mil novas licenças concedidas aos CACs (cf. RIBEIRO, 2022, p. 1).

O discurso armamentista do Governo Bolsonaro está em dizeres inscritos na polarização ideológica que divide os sujeitos no modo de exclusão lógica binária: ou você é de direita ou de esquerda, ou você é capitalista ou comunista, ou você é pessoa “de bem” ou você “não é pessoa de bem”. Toda essa polarização ideológica está no embate de forças que nos leva a refletir sobre a performatividade e os modos de significação da certeza e da incerteza em enunciações contemporâneas: quando dizer é fazer (palavra e ação) em um país das desigualdades, do racismo, do sexismo, do machismo, da misoginia, da lgbtfobia, da intolerância religiosa etc.

Neste artigo, vamos tratar da performatividade da linguagem, embasado teoricamente em John L. Austin (*How to do things with words*, 1962 – Quando dizer é fazer, 1990)³, e para fazer nossa reflexão, vamos recortar o enunciado: “Por que eu tô armando o povo? Porque eu não quero uma ditadura”⁴. Isso foi dito em uma reunião ministerial do dia 22 de abril de 2020, no auge da pandemia associada à COVID-19. Nesta reunião, o presidente pede aos, então, ministros da Justiça, Sergio Moro, e da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, que assinem portaria para que ele mande um recado aos prefeitos e governadores. O recado era para não se

³ Filósofo inglês John Langshaw Austin (1990) reconhecido no meio linguístico como autor importante nas soluções teóricas para o problema do significado e o uso da linguagem na sua descrição dos sentidos linguísticos. Tornou-se, também, base teórica em autores dos estudos funcionalistas, sociolinguísticos da análise crítica do discurso, da linguística textual e da filosofia da linguagem.

⁴ No dia que antecedeu a publicação de uma portaria que elevou o número de munições que civis (com posse e porte de armas de fogo) podem comprar, em vídeo de reunião ministerial de 22 de abril de 2020, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) diz querer a população toda armada, ao criticar medidas restritivas de isolamento físico implementadas por governos estaduais e municipais. Segundo ele, é “fácil impor uma ditadura” no Brasil e que por isso ele quer uma população armada (CORREIO BRAZILIENSE, 2020, p. 1). Ver mais: CORREIO BRAZILIENSE. *Bolsonaro diz querer população toda armada contra ‘ditadura’*. 22 maio de 2020. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/22/interna_politica,857515/em-video-bolsonaro-diz-querer-populacao-toda-armada-contraditadura.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2022.

adotar o isolamento físico⁵ e garantir a manutenção de empregos, mesmo em meio ao alto índice de mortes⁶ causado pela doença.

Mas, não se encerraram nesta reunião, os discursos presidenciais e algumas posturas de Jair Bolsonaro que contrariam os protocolos, as recomendações e as medidas básicas e prioritárias para a mitigação de riscos frente ao novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, e às suas variantes, que provoca a doença chamada COVID-19. Repetidas vezes, na contramão da manutenção da vida, o presidente se mostrou contrário à imunização por meio de cobertura vacinal, sob a justificativa de que cada indivíduo tem a liberdade de escolher se deseja ou não ser vacinado.

Assim, esse discurso destoava do objetivo defendido pela Organização Mundial de Saúde, de preservação da vida, como também, o discurso armamentista de Bolsonaro se soma a outros com o mesmo sentido proferido durante a campanha eleitoral para presidência da República, em 2018. Todos eles, de algum modo, operando em um funcionamento que coloca em risco a vida de homens, mulheres, crianças e idosos de todo o Brasil. Por isso, a nossa proposta neste trabalho é discutir sobre a relação que se dá entre linguagem e corpo nestas falas.

Outros discursos presidenciais comungam com o que foi dito anteriormente, que se deram nos encontros de apoiadores presentes diariamente para conversas informais no Palácio do Planalto, em um espaço denominado como “cercadinho”, além dos atos como os decretos, portarias e projetos de lei editados e encaminhados ao Congresso Nacional.

⁵ No período marcado pela pandemia associada à COVID-19, várias medidas restritivas se fizeram necessárias, seguindo as recomendações nacionais e internacionais de segurança sanitária e de proteção humanitária, com o intuito de combater a propagação do novo coronavírus. Dentre essas medidas, além do isolamento físico, foram recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) o uso contínuo de máscaras e a lavagem das mãos com água e sabão ou sua higienização feita com álcool gel (cf. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022, p. 1). Com esse cenário, além das formas citadas de contenção do vírus, faz-se necessária a vacinação em massa por ser a forma mais eficaz, conforme comprovação científica, para assegurar a imunização da população, a qual vem sendo vacinada de forma progressiva. Concomitante a isso, é prevista a manutenção de algumas das medidas anteriores a fim de prevenir e/ou reduzir a lotação dos leitos das UTIs e enfermarias de hospitais que tiveram sua capacidade excedida, em alguns períodos de maior incidência de pessoas contaminadas pelo vírus. Nesse sentido, também foram imprescindíveis outras ações, como a suspensão de aulas em escolas, universidades e outros espaços; a proibição de eventos e festas e de voos comerciais; a interrupção parcial ou total do comércio; segundo decretos e cronogramas que variavam de um lugar para outro. Ver mais: ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS. *Folha informativa sobre COVID-19*. Disponível em:

<<https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=Devem%20ser%20combinadas%20com%20outras,um%20len%C3%A7o%20ou%20cotovelo%20dobrado>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

⁶ Com a crise pandêmica que assolou o mundo, em pouco tempo milhões de pessoas ficaram infectadas pelo novo coronavírus e muitas delas morreram. No Brasil, soma-se um montante de 661.122 óbitos associados às complicações da COVID-19, segundo dados divulgados até o dia 07 de abril de 2022, às 18h (BRASIL, 2022).

Mas nos interessa aqui, para análise, o enunciado dito na reunião do dia 22 de abril de 2020 e a performance corporal icônica de um revólver com as mãos mirando sempre um oponente inscrito na polarização ideológica – e o alvo é aquele que defende pautas humanistas, ambientais, culturais, sociais e economias solidárias. Esse oponente, segundo a ótica da extrema-direita ou do bolsonarismo e de seus discursos que sustentam e cristalizam certos sentidos para a população, é descrito como comunista, esquerdista, petista interessado em destruir os valores civilizatórios da família tradicional conservadora brasileira, vista nesta perspectiva, tão somente como patriarcal, branca, heterossexual e judaico-cristã.

O sucesso e o insucesso destas ações, determinadas por um conjunto de “convenções” linguísticas e sociais em um estado interior do sujeito, nos levam a pensar sobre a ética e a responsabilidade das ações que se realizam no dizer. E essa performatividade tem sido pensada nas relações entre a palavra e o corpo; nas novas ações e nos embates sociais que questionam as convenções e mais outras questões para a produção de conhecimento para a vida social.

Assim, usamos a linguagem não apenas para a transmissão de informações, mas, como Austin (1990) destaca desde o título da sua obra, a linguagem também é utilizada para praticar ações. Em outros termos, “dizer” é também “fazer”, o que pressupõe que se influencia/determina o comportamento do interlocutor pela linguagem. A exemplo disso, compreende-se o modo de significar sobre a performatividade da certeza ou da incerteza em enunciações contemporâneas, como esta proposta armamentista, que traz o efeito de sentido de “segurança” contra uma “ditadura comunista” que ameaça se instalar no País. Portanto, fazer “arminha” é a performatividade pensada na relação entre a palavra e o corpo.

1. Em um país racista, o dizer armamentista faz aumentar a violência

A política armamentista do Governo Bolsonaro apresenta a promessa de “segurança” da população brasileira a partir do binarismo “cidadão de bem/cidadão de mal” ou de como as pessoas armadas estariam seguras contra assaltos, roubos, invasão de propriedade e até contra “uma ditadura comunista”. Este tipo de política traz um efeito de incerteza quanto ao seu futuro como política pública, afinal os governos mudam, o poder (nas democracias) apresenta alternância.

Por outro lado, o efeito de sentido desta performance armamentista apresenta uma certeza futura: a população negra periférica vai continuar convivendo com a violência

institucional do Estado por intermédio das polícias, sobretudo da militar⁷, e do poder paralelo dos traficantes e das milícias que veem no gesto do presidente a autorização, inclusive, para matar. Desarmados(as) estão os(as) trabalhadores(as) que convivem nestes espaços de conflito e de ausência de segurança. O corpo performático que faz “arminha” contrasta, por exemplo, com o corpo performático de negros e negras jovens, como acontecimento discursivo social/político, que morrem nos conflitos entre traficantes e milicianos ou pela polícia com as ditas “balas perdidas”.

No Brasil, são inúmeros os casos de jovens negros baleados em ações policiais civis e militares, como por exemplo: o adolescente João Pedro, de 14 anos de idade, que enquanto brincava com seus amigos na casa dos tios, foi morto após ter recebido um tiro de fuzil nas costas durante uma operação policial, no dia 18 de maio de 2020, no Complexo do Salgueiro, no Rio de Janeiro (cf. GUIMARÃES, 2021, p. 1; GUIMARÃES; PRESS, 2021, p. 1).

Em uma única operação da Polícia Civil, realizada em 06 de maio de 2021, na comunidade do Jacarezinho, resultou em 28 pessoas mortas. Essas operações policiais no Rio de Janeiro aumentaram no primeiro quadrimestre de 2021 (foram 351 ações), em comparação com o mesmo período no ano de 2020 (foram 232 ações), conforme aponta a Rede de Observatórios de Segurança (cf. BBC NEWS, 2021, p. 1). Segundo uma pesquisa realizada por esta mesma Rede, “a cada quatro horas uma pessoa negra é morta em ações policiais na Bahia, no Ceará, no Piauí, em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em São Paulo” (INDIO, 2021, p. 1), sendo o Rio de Janeiro o Estado com maior número de mortos pelos policiais, segundo apontaram Janone e Guedes (2021). No Rio de Janeiro, familiares denunciaram a Polícia Militar por matar um jovem negro e ter jogado seu corpo no rio (cf. ROCHA, 2022, p. 1).

⁷ Para conter a violência policial, alguns Estados brasileiros adotaram o uso de câmeras nas fardas dos policiais militares a fim de registrar suas ações. Daqueles Estados que já utilizam esse instrumento, ficou registrado que: “(...) a Polícia Militar de Santa Catarina dispõe de 2.245 câmeras corporais. Projeto do uso de câmeras individuais foi iniciado em 22 de julho de 2019. A Polícia Militar do Estado de São Paulo usa 3.125 câmeras. As câmeras corporais já são utilizadas na Polícia Militar do Estado de Rondônia há mais de três anos. Atualmente, são 1.250 *webcams* em uso” (FANTÁSTICO, 2021, p. 1). Além disso, 88 mortes foram evitadas entre os anos de 2020 e 2021, segundo estudo (cf. BERGAMO, 2022, p. 1). Para discutir sobre o reconhecimento da importância das câmeras corporais nas fardas dos policiais, enquanto uma ferramenta para o controle da letalidade, pesquisadores do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, como Renato Sérgio de Lima, Samira Bueno, Dennis Pacheco e Isabela Sobral, desenvolveram um estudo, com publicação prevista em edição especial da FGV Executivo, sob a organização de Fernando Abrucio, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (cf. LIMA, 2022, p. 1). Por outro lado, a crítica que se dá é que as imagens adquiridas destas câmeras podem ter uma dupla função: de evitar a ação violenta de policiais, sobretudo, de policiais militares, e até mesmo puni-los em casos de reconhecimento da ilegalidade de suas ações; ou também, em alguns casos, podem ser usadas para punir a comunidade, em uma medida que pode ser desproporcional.

Além disso, a Polícia Militar da Bahia é considerada a mais letal do Nordeste, liderando as mortes por chacinas, principalmente de pessoas negras (cf. PAJOLLA, 2022, p. 1). Na capital baiana, Salvador, após uma ação na comunidade Gamboa, familiares de um adolescente negro e de dois outros jovens negros alegaram que eles foram mortos pelos policiais após terem sido confundidos com um grupo armado (cf. RIBEIRO, 2022, p. 1).

Feitas estas considerações sobre a performance armamentista, passamos a analisar a performatividade da linguagem e, por tanto, vamos na arte da performance buscar uma noção teórica para o corpo performático como acontecimento discursivo, no sentido em que um se reconhece no outro e sobre o outro no social. O corpo na sua concretude histórico/social/cultural que se constitui na relação tempo-espço, nos encontros e desencontros com as áreas do saber, em que se diz e é dito discursivamente. Portanto, é pela não transparência da relação sujeito-corpo em sua “materialidade significativa” (ORLANDI, 2012, p. 85) que vamos compreender o corpo performático em sua discursividade como acontecimento social/político.

É deste lugar de discursividade que é possível buscar também uma sustentação teórica para uma reflexão pela Análise de Discurso pecheutiana, com esse corpo performático que significa na relação com o tempo-espço de sua própria constituição como prática discursiva político/social. Afinal, compreender a performance como acontecimento nos leva a noção de corpo performático daquele que faz “arminha” mirando um corpo-sujeito diferente.

Nesta linha pecheutiana, Cohen (2013, p. 28) afirma que a performance é antes de tudo uma expressão cênica, um quadro sendo exibido para uma plateia. E como linguagem híbrida, se situa entre as artes plásticas e as artes cênicas. Seria possível problematizar se levantarmos a observação de que há performance realizada por grupos ideologicamente defensores da supremacia branca, que almejam eliminar seus contrários e se manifestam linguisticamente no dizer e no fazer. A performance realiza-se como acontecimento presente, inapreensível a um instante posterior. Ou seja: é naquele momento, para aquela plateia, como fez Bolsonaro performaticamente com as mãos para seus seguidores ou como incentivou uma criança a fazer em um ato público, que a performance se deu como acontecimento.

Cohen (2013, p. 28) entende a performance como uma função do espaço e do tempo, sendo que para algo ser caracterizado como performance “precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local”. Essa definição é sobre o corpo discursivo artístico, mas que pode ser pensado para o corpo discursivo social/político, até porque a performance se faz e se desfaz, instaura-se e eterniza-se, em seu próprio processo de constituição e realização.

Para Rivera (2013, p. 32), “a performance realiza um sujeito-ato que não tem um lugar fixo, mas se desloca entre eu e outro, dentro e fora”. Ela acrescenta que se “o sujeito tornado espaço” seria uma definição possível para a performance”, afinal “uma vez possuído pelo corpo, o espaço o desaloja e abre-se ao surgimento do sujeito”. Então, acrescenta, “o espaço não pode mais ser fixo [...] inventado, criado em ato na flutuante, movente e estilhaçada medida do sujeito” (RIVERA, 2013, p. 42).

Corpo performático, como corpo discursivo, que mexe nas bases de sustentação, reinscrevendo discursividades, as mesmas e outras; outras nas mesmas e as mesmas em outras, conforme destaca Lara (2016). Em seus entrecruzamentos, perturbadores e/ou desarmônicos, há uma trama de sentidos desestabilizando um corpo que está para além do orgânico e do mecânico, além de um suporte de emissão comunicativa, que discursiviza materialmente acerca de si e do outro, na impossibilidade (ou na possibilidade) de significar em sua forma – sujeito no/do discurso (cf. LARA, 2016, p. 203).

Enquanto vamos desenvolvendo a linha teórica deste corpo “investido de sentidos”, atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, é interessante descrever a imagem, registrada em vídeo (2018): o candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, em cima de um carro de som, agachou-se e tomou em seu colo uma criança, e de imediato, lhe ensinou a fazer o gesto de uma arma com as mãos⁸. A imagem viralizou nas redes sociais provocando muitas manifestações a favor, e outras contra a performance do político. É uma extensão ou complementação do enunciado dito na reunião ministerial do dia 22 de abril de 2020.

O “corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para forma com que ele se individualiza” (ORLANDI, 2012, p. 93), é um corpo que mexe com as “certezas e incertezas” que se faz acontecimento discursivo. Portanto, a construção de um discurso a partir de um corpo infantil – no colo de um adulto (de Jair Bolsonaro, nesta cena analisada), performático como acontecimento discursivo sobre sentidos possíveis para esses corpos (tanto infantil quanto adulto) em sociedade, são afetados por esse lugar social/político dos dizeres (im)possíveis para os corpos, que reivindicam dizeres outros nas fronteiras do que pode e deve ser dito e do irrealizado do dizer

⁸ A cena aconteceu no dia 19 de julho de 2018 durante passagem do deputado federal e pré-candidato à presidência da República Jair Bolsonaro (PSL-RJ) em sua passagem por Goiânia (GO). Na ocasião, ele defendeu o armamento da população brasileira. UOL. 23 jul. 2018. (34 min). *Bolsonaro faz gesto de arma em mão de criança*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MkfoQpcHRtw>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

social/político. O corpo tem o seu real, assim como a língua a sua incompletude e a história as suas contradições.

Observemos o seguinte:

A noção de real do corpo procede da psicanálise, assim como o real da língua, e vem a ser, a exemplo do que se singulariza o registro do real, o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste. O real apesar de resistir à simbolização, ele comparece no simbólico sob a forma de falta de um significante. (FERREIRA, 2013, p. 131)

A partir desta noção, Lara (2016) destaca que o corpo, enquanto objeto discursivo, são sentidos possíveis para as épocas. Por isso é interessante ressaltar a noção de Pêcheux (1997, p. 17) de acontecimento discursivo que se dá “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. Teixeira (2005, p. 200) acrescenta que a noção pecheutiana “permite falar da anterioridade que constitui o discurso não como um transcendental histórico, uma grade de leitura ou uma memória antecipadora que sobredetermina o dizer”. E complementa, que é o que se entrecruzam “atualidade (o dito aqui e agora) e a memória (o já-dito antes e em outro lugar), sendo que uma descontinuidade pode sempre vir desfazer o trajeto aparentemente estabilizado da rede discursiva” (op. cit.).

Avançando nesta reflexão, entendemos que o corpo performático é discursivo porque é investido de sentidos e discursiviza acerca de si e do outro como objeto teórico e categoria de análise discursiva. Conforme ressalta Ferreira (2015, p. 22), o corpo está determinado por “novas formas de assujeitamento”, ligado à ideologia. E como observa Lara (2016, p. 206), “o corpo performático é um lugar de des-estabilização (jogo constitutivo entre estabilização e desestabilização) dos sentidos pensado como acontecimento discursivo.

2. Palavra e ação: os atos e as consequências

A exacerbação dos dizeres inscritos na polarização ideológica ganhou dimensão, no Brasil, a partir de 2018, com a eleição presidencial e daquele ano em diante a tensão entre as instituições (principalmente presidência da República, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal) aumentou, refletindo no dia a dia da população, principalmente da população negra, dos desempregados, dos refugiados (de países africanos e caribenhos), que sentiram o aumento da violência.

Quando o presidente diz: “Por que eu tô armando a povo? Porque eu não quero uma ditadura”, em uma reunião ministerial, ele está, na prática, autorizando a violência, que já vem em uma escalada descontrolada. Para ilustrar, destacamos um caso que exemplifica que esse

“dizer é fazer” relacionado à performance do corpo negro e do corpo não negro. Trata-se do sargento da Marinha que matou o vizinho na porta de casa, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. E neste caso, o atirador disse que confundiu a vítima, um homem negro, com um bandido. O crime ocorreu no dia dois de fevereiro de 2022⁹.

O sargento, disse em depoimento à polícia, que atirou (três vezes), “mas não queria matar”. Austin (1990) usa o termo “efeito” para definir as consequências dos atos ilocucionário e perlocucionário, assim como o ato físico que se define ao mesmo tempo pelas suas consequências. Algumas interpretações estão no campo das teorias contemporâneas sobre o corpo como ato de fala ou os processos corporais de subjetivação. Pinto (2016, p. 120) destaca que Austin reflete sobre a linha que separa os atos que fazemos e suas consequências: “Suas reflexões nos levam ao ato físico e o entrelaçamento entre ato ilocucionário (o que se faz ao dizer) e o ato perlocucionário (o ato que se faz por consequência e efeito do dizer)”.

Para Pinto (2016), é possível pensar que o sujeito do ato de fala está imbricado em um ato físico com consequências que tornam essa separação tripartite: ato de fala, ato físico e consequência, em um mesmo conjunto embaralhado. Entra aqui a teorização das relações discursivas de poder, jogo de linguagem, significações, subversões e performances nos estudos do corpo. Derrida (1990) afirma que a elaboração de Austin é derivada da ideia de um sujeito intencional consciente da totalidade do seu ato de fala.

A oposição sucesso/fracasso (“mas não queria matar”) se sustenta pelo que o falante intenciona para o enunciado que produz, tratando as convenções ritualizadas do enunciando (“por que eu tô armando o povo?”) como um contexto possível de ser saturado, de ser dado como totalmente determinável.

Searle (1969) anuncia a diferença entre a intenção de representar determinados estados de coisas por meio de certas modalidades ilocucionárias e a intenção de comunicar essas representações a um ouvinte. A intenção de representar diz respeito à maneira de determinar a

⁹ Imagens do circuito interno de segurança de um condomínio em São Gonçalo mostram que Durval Teófilo Filho, 38 anos, chegava em casa, depois do trabalho, segurando uma mochila. Dentro de um carro parado na entrada de uma garagem estava o sargento da Marinha Aurélio Bezerra. O controle remoto não estava funcionando e ele aguardava a mulher para abrir o portão. Quando Durval mexeu na bolsa, o militar disparou. O sargento da Marinha saiu do carro e atirou mais duas vezes. Durval acenou com a mão, já caído. Quando percebeu que Durval estava desarmado e era vizinho, o militar socorreu a vítima, que morreu no hospital. O sargento disse que achou que fosse uma tentativa de assalto quando a vítima caminhou na direção dele mexendo na mochila. Fonte: JORNAL NACIONAL. 03 fev. 2022. *Sargento da Marinha mata vizinho negro, no RJ, e diz que o confundiu com bandido*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/03/sargento-da-marinha-mata-vizinho-negro-no-rj-e-diz-q-ue-o-confundiu-com-bandido.ghtml>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

força e o conteúdo do ato de fala. Já a de comunicar refere-se à intenção de causar no ouvinte o conhecimento dessa força e desse conteúdo. Na concepção searleana, observa Anjos (2020), os atos ilocucionários seriam, ao mesmo tempo, a unidade básica do significado pretendido pelo falante e a unidade básica da comunicação, fazendo-se necessário distinguir entre essas as duas naturezas de intenção.

A intencionalidade para Searle, destaca Anjos (2020, p. 55), se relaciona às condições de satisfação que diriam da qualidade para que a fala seja inteligível, da obviedade do ato, do desejo do ouvinte de que aquele ato seja realizado, ou ainda, das condições de sinceridade. A promessa, continua a autora, está na categoria dos atos ilocucionários de comprometimento (comissivos) e está associada a uma característica adicional: a autorreferencialidade.

A promessa do presidente Jair Bolsonaro de armar as pessoas “de bem” contra uma ditadura comunista ou contra os bandidos pode não se realizar em sua completude, afinal, precisa passar pela sanção do Congresso Nacional e, se necessário for, pelo Supremo Tribunal Federal (STF). É claro que ele não quebrou a promessa, mas tampouco a manteve em sua integralidade, que era a de permitir que qualquer cidadão tivesse condições de comprar a arma e a munição na quantidade que quisesse. A promessa promete não somente que certa ação ocorrerá, mas que acontecerá como cumprimento da promessa (SEARLE, 2010, p. 240).

Anjos (2020) compreende que as condições de satisfação da promessa são causalmente autorreferenciais, visto que não se resumem ao fato de ocorrer o ato, mas que ele ocorra por sua causa. Destaca também que são essas as intenções de significação, enquanto as intenções de comunicação residem no fato do ouvinte reconhecer a enunciação e reconhecer que ela tem as condições de satisfação que o falante pretende que tenha. Ou seja: o sucesso da comunicação no reconhecimento das intenções de significação do falante.

Em um contexto idealizado, o locutor sempre estaria diante de uma transparência pela qual sua ideia seria expressa diretamente pelo enunciado, apartando a sentença de toda imprevisibilidade. Searle (2010) percebe uma caracterização pormenorizada da força ilocucionária, assim como uma notória distinção entre a noção de força ilocucionária e do próprio ato ilocucionário. Ele ainda define que todo enunciado performativo é iterável, por conseguinte, a promessa também o é, ou seja, tem a capacidade de ser repetível, de modo estruturalmente accidental. Prometer implica categorias de ausência que ultrapassa regras, uma vez que a promessa implica na capacidade de se comprometer a uma ação na ausência do interlocutor e na projeção de um futuro que estava fora de controle.

Conforme Ottoni (1998, p. 55), “a performatividade, segundo Derrida, é um ato de comunicação; para Searle, o ato de comunicação é uma das várias possibilidades do performativo, do ato de fala”. Aliás, Derrida enxerga a iteração como um fundamento para a constituição da performatividade enquanto comunicação que é. Já para Searle, “a iteração é uma pressuposição necessária para as formas através das quais a intencionalidade se configura” (OTTONI, 1998, p. 57). Assim, a promessa, como uma ação que se realiza no futuro, em sua iterabilidade, encerra uma não-presença.

O performático, ao evocar condições históricas e rituais, opera uma realidade, instigando um futuro que não se submete a regras. Anjos (2020, p. 62) destaca que “Derrida põe em xeque o efeito legitimador da presença subjetiva a partir do momento em que a fala se transpõe para a escrita, a partir da lógica da iterabilidade, mas, ao mesmo tempo, deixa em aberto uma leitura de caráter desconstrutor para a questão da fala”.

Já Austin considera que o sujeito e o objeto,

[...] o eu e o não-eu, se fundem, passando ambos a fazer parte da significação. Ou seja, na visão performática, o sujeito falante empírico se constitui como sujeito através do *uptake*, que, sendo o lugar do deslocamento da intencionalidade, subverte o papel centralizador e consciente deste sujeito. (OTTONI, 1998, p. 13)

Essa é uma visão performática da linguagem que abre possibilidades para a quebra de fronteiras entre corpo e linguagem. Judith Butler reforça que “não há ato de fala sem corpo e, ao mesmo tempo, como o corpo limita o papel da intenção no ato de fala” (BUTLER, 2003, p. 113). Para Butler (2003), a lógica da iterabilidade deve ser encerrada como lógica social, a performatividade em sua repetição deve ser encarada como lógica social, a performatividade em sua repetição, engendra sempre que possível, mudança no social. Anjos (2020) focaliza o funcionamento de todo ato de fala enquanto ato de fala político, no sentido de oferecer novas possibilidades no interior da linguagem.

A noção de política, segundo Jacques Rancière (2018), não é atributo imanente de coisa alguma, não tendo objetos ou questões que lhe sejam próprios. Antes, tem como princípio uma igualdade em que estatuto deve ser especificado. Um objeto, um lugar, uma ação, uma “palavra-ação”, ressalta Rancière, pode tomar a forma do político desde que inscreva a verificação da igualdade, sob forma de um litígio.

Vejamos:

A atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as partilhas sensíveis da ordem policial ao atualizar uma pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parte dos sem-parte que manifesta ela mesma, em última

instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer falante com outro ser falante qualquer. Existe política quando existe um lugar e formas para o encontro entre dois processos heterogêneos. (RANCIÈRE, 2018, p. 44)

A política é um assunto dos sujeitos e, portanto, se faz por intermédio da subjetivação em que identidades que seriam definidas como naturais são colocadas em instâncias de litígio. Para Rancière (2018, p. 52), é “a contagem dos que não contam, a diferença entre a distribuição desigualitária dos corpos sociais e a igualdade dos seres falantes”. Uma promessa que se torna política à medida que reconfigura as relações, arranca o espaço da naturalidade e celebra experiências singulares capazes de fazer contar aqueles que não são contados.

Segundo Ottoni (1998), o sujeito falante se constitui como tal através de apreensão, subvertendo a visão de uma consciência onipotente. O centro do debate está na força do ilocucionário e no seu caráter iterável, uma vez que no ato de fala, força e significado são separáveis e a força ilocucionária está assegurada por convenção. Derrida postulou que todo ato corre o risco de falhar dada a arbitrariedade do signo, a promessa enquanto performativo, político, é puro fracasso. Anjos (2020) diz que tudo isso é o fracasso da política dos sentidos, dos contextos determinados e da intenção diretiva.

O Estado promete segurança em regiões onde o domínio do tráfico de drogas e de armas, por parte dos traficantes, está dado. Mas na partilha da ordem policial, a política intervém propondo novas zonas de divisão de sentidos.

3. A (in)certeza da política da morte!

O ato de fala atualiza sua força no momento em que ele acontece. O performativo não tem seu referente fora dele ou antes dele ou diante dele. Segundo Derrida (1990), ele produz ou transforma uma situação, ele opera. E aqui destacamos a reflexão de Austin sobre a linha que separa os atos e suas consequências, o ato físico e o entrelaçamento entre o ato ilocucionário e o ato perlocucionário, que tratamos anteriormente (cf. DERRIDA, 1990, p. 37).

Estamos analisando e refletindo sobre uma promessa de política pública de segurança do governo Bolsonaro, a partir do armamento da população brasileira, para combater o que denomina de “comunismo”¹⁰ e a “bandidagem”¹¹. Mas um outro ato de fala merece ser

¹⁰ Como vimos na parte Introdutória deste trabalho.

¹¹ Em um de seus discursos durante agenda eleitoral em Araçatuba, Jair Bolsonaro, em cima de um carro de som durante uma carreata, afirmou: “Conosco não haverá essa politicagem de direitos humanos, essa **bandidagem** vai morrer porque não enviaremos recursos da União para eles [...]” (G1, 2018, p. 1, grifo nosso), ao considerar que se trata de uma estratégia para redução da criminalidade no país. Ver mais: G1. *Bolsonaro diz que se eleito 'bandidagem vai morrer' porque União não repassará recursos para direitos humanos*. 23 ago. 2018. Disponível

lembrado, reforçando quando dizer é fazer ou dizer também é não fazer. E aqui lembramos a declaração do presidente Jair Bolsonaro dada no dia 20 de abril de 2020, quando o número de mortes por COVID-19 chegava a 300 por dia e o Brasil já registrava, naquele momento, 2.575 mortes e 40.581 casos de pessoas contaminadas: “Ô, cara, quem fala de [...] Eu não sou coqueiro, tá certo?”, respondeu à pergunta de um repórter sobre essa situação no país¹².

Evidencia neste caso mais uma vez uma política da morte – a Necropolítica tratada por Achille Mbembe (2018). Ele lembra que o direito de matar está estreitamente relacionado às relações de inimizade, elegendo de forma ficcional grupos de inimigos. A partir desta declaração, vamos dialogar com os estudos de Wittgenstein (1969), e algumas considerações de Elias de Oliveira (2020) e do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação e Discurso – LED (CNPq-UNICAMP), que tomam a certeza como efeito de sentido na linguagem:

O Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso – LED (CNPq-UNICAMP) reúne estudiosos da significação na linguagem, unidos por uma tomada de posição epistemológica materialista a partir da qual construímos um diálogo entre Semântica da Enunciação, Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Desde 2017, temos nos dedicado a compreender a certeza como efeito de sentido na linguagem. (ELIAS DE OLIVEIRA, 2020, p. 1-2)

Partindo das considerações de Elias de Oliveira e do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação e Discurso, vamos compreender alguns modos de significação de certezas nas falas do presidente Jair Bolsonaro sobre questões pertinentes à saúde pública e às medidas de enfrentamento à COVID-19. Os dizeres se materializam como enunciados questionáveis, mas, também, provocam a incerteza oriunda de um conhecimento simplista que coloca em risco a vida dos brasileiros.

O recorte para análise neste artigo, desde o começo, é o enunciado do presidente do porquê armar o povo e o combate à ditadura comunista e, portanto, a performatividade da

em:

<<https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2018/08/23/bolsonaro-diz-que-bandidagem-vai-morrer-em-seu-governo-porque-uniao-nao-repassara-recursos-para-direitos-humanos.ghtml>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

Já eleito como presidente do Brasil, Bolsonaro declarou em uma comitiva de imprensa: “Quanto mais armado estiver o povo, melhor é para todo mundo. Porque enquanto a **bandidagem** estava armada com fuzil automático lá no Rio de Janeiro” (SOARES, 2021, p. 1, grifo nosso), ironizou sobre as reportagens que anunciavam o aumento de armas no país, afirmando na ocasião: “Eu quero que quintuplique” (*op. cit.*). Ver mais: SOARES, Ingrid. G1. *Bolsonaro ironiza aumento de armas no Brasil: "Eu quero que quintuplique"*. 26 ago. 2021. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4946023-bolsonaro-ironiza-aumento-de-armas-no-brasil-eu-quero-que-quintuplique.html>>. Acesso em: 01 abr. 2022.

¹² Ao responder à pergunta de um jornalista sobre o número de mortes por coronavírus no país, o presidente afirmou que não era coqueiro. Reportagem do G1 no dia 20 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coqueiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>>

linguagem em Austin (1990). Mas é inevitável não destacar outros atos de fala relacionados à saúde pública, em um momento como este que atravessávamos uma pandemia, com um número de mortes alarmantes e uma população desorientada sobre quais medidas adotar, ou melhor, a quem ouvir.

Bolsonaro proferiu mais outras falas que destoam do propósito de manutenção da vida, como por exemplo, quando chamou os técnicos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) de “tarados por vacina”¹³ por defenderem a imunização contra a COVID-19. Em outro momento, afirmou que “ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”¹⁴, fala esta que foi fortalecida pela Secretaria de Comunicação do Governo no *Twitter* e compartilhada como *banner* com uma frase em que o presidente dizia prezar “pela liberdade dos brasileiros”.¹⁵

Como efeitos de sentidos desses dizeres negacionistas, muitos brasileiros não se vacinaram e alguns destes não vacinados, morreram. E outra situação alarmante: as vidas de muitas crianças também estão sob ameaça. Neste caso, os atos de dizer do presidente brasileiro produzem e reforçam resistência da população em seguir as recomendações nacionais e internacionais de segurança sanitária e de proteção humanitária. Como Elias de Oliveira destaca, são os efeitos deletérios na vida social, das inverdades propagadas como certezas:

É preciso refletir sobre os efeitos deletérios na vida social do questionamento de certezas produzidas no rigor da História e das ciências e da propagação massiva de inverdades como certezas. Entre esses dois movimentos, as tramas vão se tecendo. Eles operam na mesma direção, por vezes juntos, confundindo a população e desarticulando sua mobilização para a luta pela democracia. (ELIAS DE OLIVEIRA, 2020, p. 6)

Tendo em vista a rápida disseminação do vírus, causador da COVID-19, que acarretou no aparecimento de muitos pacientes com sintomas de leves a estágios graves de adoecimento, ou a óbitos, acompanhamos no cenário brasileiro, as práticas enunciativas de significação que fazem circular inverdades como certezas. Há um embate político, tendo o seguinte funcionamento: de um lado, a Organização Mundial de Saúde (OMS) propaga as certezas em favor da vida, com embasamento na ciência, e, do outro lado, o presidente

¹³ MURAKAWA, F. *Bolsonaro chama técnicos da Anvisa de 'tarados por vacina' ao criticar vacinação infantil*. Valor – Brasília. 06 jan. 2022. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/01/06/bolsonaro-chama-tenicos-da-anvisa-de-tarados-por-vacina-a-o-criticar-vacao-infantil.ghml>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

¹⁴ MACHADO, Leandro. MORI, Letícia. BBC. *Governo tem poder de tornar a vacinação obrigatória e dever de incentivá-la, dizem juristas e médicos*. 1 set. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53993365>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

¹⁵ Ibidem.

Bolsonaro, formula dizeres simplistas em nome da “liberdade”, como se fossem certas incontestáveis que confrontam e invalidam o que foi dito pela OMS, quando na verdade, as falas presidenciais apontam em desfavor da vida.

A OMS tem disparado informações a respeito de inúmeras medidas em prol da proteção da população, como o isolamento físico, o uso contínuo e obrigatório de máscaras, a lavagem constante das mãos com água e sabão ou sua higienização feita com álcool gel e a vacinação¹⁶ em massa da população. Acompanhou-se em vários Estados brasileiros, que em alguns estabelecimentos públicos e privados de atendimento presencial ao público, passou a ser exigida a comprovação vacinal contra COVID-19¹⁷, para que os usuários de serviços pudessem adentrar nesses espaços, a fim de preservar a proteção e a prevenção de possíveis transmissões dos vírus.

O presidente Bolsonaro, por sua vez, foi em direção oposta às tais recomendações, atropelando as comprovações científicas da eficácia destas medidas, como é o caso da sua insistência em manter um discurso negacionista frente às vacinas, o que reforçou atos de fala com consequências que operam entre dizer e fazer, ou entre dizer e não fazer. Como vimos anteriormente, o presidente Jair Bolsonaro pronunciou que ninguém é obrigado a tomar vacina, além disso, reforçou, que não vacinaria sua filha caçula¹⁸, ao criticar a vacinação de crianças de 5 a 11 anos.

Nesse sentido, em uma pesquisa intitulada *VacinaKids*, realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que contou com 15.297 mães, pais ou outros responsáveis por crianças e adolescentes, indicou que mais de 80% deles pretendiam levar os/as filhos/as para serem vacinados contra a COVID-19 (LISBOA, 2022, p. 1). Mas, como efeitos de alguns desses atos de linguagem que discutimos, até o início do mês de fevereiro de 2022, a campanha de imunização infantil contra a COVID-19 não atingiu 50% do público-alvo (crianças de 5 a 11 anos), sendo que em algumas cidades, como Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Velho e Recife, a cobertura vacinal das crianças de 5 a 11 anos não chegou a 20% do público esperado (cf. RESENDE, 2022, p. 1).

¹⁶ Ver mais: ROCHA, Lucas. *Vacinas são eficazes na prevenção de doença grave e morte contra Ômicron, diz diretora da OMS*. 22 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/vacinas-sao-eficazes-na-prevencao-de-doenca-grave-e-morte-contra-omicron-diz-diretora-da-oms/>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

¹⁷ Ver mais: BRASIL. Senado Federal. *Projeto de Lei n.º 883, de 2021*. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/147442>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

¹⁸ MURAKAWA, F. *Bolsonaro chama técnicos da Anvisa de 'tarados por vacina' ao criticar vacinação infantil*. Valor – Brasília. 06 jan. 2022. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/01/06/bolsonaro-chama-tnicos-da-anvisa-de-tarados-por-vacina-a-o-criticar-vacinacao-infantil.ghml>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

Sob esse funcionamento da linguagem, o performático é um acontecimento que não espera a deliberação, a consciência ou a organização do sujeito. O ato de fala não é um rito planejado, como destaca Derrida (1990), é um acontecimento, na medida em que sua força é iterável. Por isso, além de ensinar uma criança a fazer o gesto de uma arma com as mãos, Bolsonaro também retirou a máscara de uma menina durante uma agenda presidencial no Rio Grande do Norte para serem fotografados juntos. A reportagem foi publicada pela revista Carta Capital (2022, p. 1)¹⁹.

Embora tenha respaldo científico quando se trata do caráter de proteção das vacinas e do uso de máscaras faciais, por exemplo, para ajudar no controle da COVID-19, as falas do presidente Jair Bolsonaro vão contra a ciência, uma vez que reforçam e caracterizam tais medidas como desnecessárias²⁰. Em outros termos, esses dizeres instauram certezas e a performatividade desses enunciados é bem-sucedida, pois na medida em que Bolsonaro se manifesta, ele está no lugar de representante do país, ou seja, um lugar de autoridade.

A partir de Wittgenstein (1969) e Elias de Oliveira (2020), compreendemos que, no jogo da linguagem, a certeza faz parte da significação e é caracterizada por seu caráter persuasivo. Assim, ela dificilmente é posta sob questionamento. O povo vê e atesta na fala presidencial que é apenas uma questão de escolha, como também associa a “liberdade” à uma ideia deturpada do termo. Nesse sentido de liberdade individual que o presidente traz em seus dizeres, ele remete à ideia de um ato individual ou como um direito desvinculado e independente.

Em sua obra intitulada *Da Certeza*, Wittgenstein (1969) diz que não é necessária tanta atenção às diferenciações que se dão entre “saber” e “estar certo”, exceto se ao ser utilizada a frase como “eu sei”, implique no sentido de não estar de modo algum errado. Se assim for, pode ocorrer o risco de materializar inverdades como certezas, quando, na verdade, deveriam ser questionadas (cf. WITTGENSTEIN, 1969, p. 17).

No capítulo de apresentação da obra *Quando dizer é fazer*, de Austin, na tradução brasileira de Souza Filho (1990), lembra que expressões como “eu sei que...” ou “eu prometo...” são utilizadas a fim de realizar um ato, ou seja, vão além de uma mera descrição

¹⁹ CARTA CAPITAL. *Bolsonaro retira máscara de criança no Rio Grande do Norte*. 24 jun. 2021. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-retira-mascara-de-crianca-no-rio-grande-do-norte/>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

²⁰ SOARES, I. *Bolsonaro questiona uso de máscara em crianças: “Fica com boca aberta”*. 25 jun. 2021. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4933613-bolsonaro-questiona-uso-de-mascara-em-criancas-fica-com-a-boca-aberta.html>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

ou relato de algo. Por isso, elas são consideradas como expressões performativas, visto que ao serem enunciadas em certas sentenças, acabam por se constituírem como atos realizados, que não estão sujeitos à verdade ou à falsidade (SOUZA FILHO, 1990, p. 12).

Nesse sentido, tomemos aqui, os exemplos dos dizeres do Presidente Jair Bolsonaro que expusemos nesta seção, que ao serem propagados para a população brasileira, como se fossem certezas, em um viés negacionista, contradizem a ciência e estimulam a desinformação. E ao transformar inverdades em verdades, coloca em risco a vida de inúmeras pessoas que dão importância ao lugar de fala do presidente, reconhecido como uma autoridade.

Posto isso, como explica Wittgenstein, as pessoas acabam acreditando que uma opinião é certa, por conta de um estado aparente de simplicidade, chegando a afirmar que: "É assim que deve ser" (WITTGENSTEIN, 1969, p. 39). Neste caso, na medida em que Bolsonaro, na condição de presidente da República, faz enunciados a partir de pensamentos simplistas, seus atos de fala acabam não sendo questionados e boa parte da população acaba dando credibilidade ao chefe da nação e às suas opiniões que se materializam como certezas, influenciando nas decisões de muitos brasileiros. Ou seja, produzem a incerteza da manutenção de suas vidas.

Considerações finais

Nossa proposta neste artigo foi refletir sobre os dizeres inscritos na polarização ideológica que divide os sujeitos sob a lógica binária: ou você é um sujeito de bem ou você não é um sujeito do bem. E assim, olhamos a (in)certeza como um efeito de sentido incessante. Olhamos esse embate de forças para pensar a performatividade e os modos de significação da certeza e da incerteza em enunciações contemporâneas. Por isso, elegemos alguns atos de fala do presidente Jair Bolsonaro, que antes mesmo de se eleger presidente já anunciava a promessa de armar a população brasileira, como estratégia de política de segurança pública.

No discurso bolsonarista, ou o sujeito (ou cidadão) de bem compactua com sua proposta armamentista e, portanto, quer o bem do Brasil, ou, por outro lado, quem não defende sua política é comunista, esquerdopata, inimigo do país imaginado pelos ultradireitistas seguidores do presidente. E como destaca Derrida (1990), o ato de fala (como rito) é um acontecimento – e pela sua força iterável, instaura sempre uma diferença e reforça essa lógica binária de x e y.

Vale lembrar que recortamos o enunciado do presidente Jair Bolsonaro sobre o porquê de armar o povo para não ter uma ditadura, dito em uma reunião ministerial do dia 22 de abril de 2020, para tratar do ato de fala como um ato corporal. Aliás, Butler (1999, p. 2) afirma que “discursos, na verdade, habitam corpos”. Ou seja, a performatividade deve ser compreendida como prática pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia, portanto, o ato de fala atravessa e conduz o momento da enunciação.

Quando analisamos a performatividade, pensamos nesta relação entre a palavra e o corpo, nos movimentos da história, nas novas ações e nos embates sociais que questionam as convenções, além do sucesso e do insucesso nas divisões de sentidos. Esses efeitos de sentido nos permitiram refletir sobre a (in)certeza desta política do armamento apresentada pelo governo Bolsonaro como estratégia possível de sucesso futuro.

O gesto da “arminha” com as mãos demonstra o insucesso de um governo despreparado para governar. Os sujeitos, agora, são chamados ao ato performativo de constituição de seus corpos como acontecimento social/político: são pessoas negras, não negras, indígenas, trans, operários(as), trabalhadores(as) rurais, refugiados(as) etc. Essa paisagem de influências, de filiações, de heranças, vai se configurar em um país onde o corpo, que é frequentemente negligenciado ou patologizado, irá se contrapor ao ato de fala e a performance de quando dizer e fazer estão inscritos na polarização ideológica que divide os sujeitos.

Referências

- ANJOS, Liliane Souza dos. Por uma reflexão sobre a "promessa" nos estudos performativos. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, SP, v. 23, n. 46, p. 51-73, dez. 2020.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].
- BBC NEWS. *Jacarezinho: 'Em nenhum lugar do mundo ação policial com 28 mortos seria aceita', diz cientista político*. 06 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57017718>>. Acesso em: 04 mar. 2022.
- BERGAMO, Mônica. Câmeras corporais da PM já evitaram 88 mortes entre 2020 e 2021, diz estudo. Dado é de levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Folha de S. Paulo*. 29 mar. 2022, às 23h. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/03/cameras-corporais-da-pm-j-a-evitaram-88-mortes-entre-2020-e-2021-diz-estudo.shtml#:~:text=As%20c%C3%A2meras%20corporais%2C%20instaladas%20nos,F%C3%B3rum%20Brasileiro%20de%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%ABlica>>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- BRASIL. *Painel Coronavírus*. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. 2nd. ed. New York: Routledge, 1999.

- BUTLER, Judith. Afterword. In: Felman, Shoshana. *The scandal of the speaking body*: Don Juan with J. L. Austin, or seduction in two languages. Translated by Catherine Porter. Stanford, California: Stanford University Press, 2003. p. 113-123.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DERRIDA, Jacques. Signature événement contexte. In: *Limited Inc*. Paris: Galilée, 1990. p.15-51.
- ELIAS DE OLIVEIRA, Sheila. Certeza, sentido, conhecimento. *Revista Linguasagem*. São Carlos, v. 34, n. temático, jan./jun., 2020, p. 1-20. Disponível em: <<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/733>>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- FANTÁSTICO. *Veja como é a adoção de câmeras corporais da PM em cada estado*. 17 out. 2021, às 21h43. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/10/17/veja-como-e-a-adocao-de-cameras-corporais-da-pm-em-cada-estado.ghtml>>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Discurso, arte e sujeito e a tessitura da linguagem. In: Indursky, F; Ferreira, M. C. L; MITTMANN, S. (orgs.). *O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 127-139.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Discurso: conceitos em movimento. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Oficinas de análise do discurso: conceitos em movimento*. Campinas: Pontes, 2015. p. 11-23.
- GUIMARÃES, Ligia; PRESS, Claire. 'Mãe, fica tranquila, a gente tá dentro de casa': as famílias destruídas pela violência policial em plena pandemia. *BBC News Brasil em São Paulo*. 13 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55582716>>. Acesso em: 04 abr. 2022.
- GUIMARÃES, Ligia. Caso João Pedro: Quando o Estado mata nossos filhos a Justiça não acontece, diz mãe do adolescente morto em operação policial. *BBC News Brasil em São Paulo*. 14 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57121830>>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- INDIO, Cristina. Negros são maioria dos mortos em ações policiais em seis estados. É o que revela pesquisa da Rede de Observatórios de Segurança. *Repórter da Agência Brasil*. Rio de Janeiro. 14 dez. 2021, às 17h28. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-acoes-policiais-em-6-estados>>. Acesso em 02 abr. 2022.
- JANONE, Lucas; GUEDES, Mylena. Um negro é morto pela polícia a cada quatro horas, aponta levantamento. Rede de Observatórios da Segurança mostra que RJ é o estado com o maior número de pessoas negras mortas pelos agentes de segurança. *CNN*. 14 dez. 2021, às 18h39. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/um-negro-e-morto-pela-policia-a-cada-quatro-horas-aponta-levantamento/>>. Acesso em: 31 mar. 2022.
- LARA, Renata Marcelle. Corpo performático como acontecimento artístico-discursivo. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (orgs.). *A Análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2016. p. 195-208.
- LIMA, Renato Sérgio de. *Estudo meu, de @sabueno85, @denopacheco e Isabela Sobral e que sairá em edição especial da GV Executivo, organizada por Fernando Abrucio, da @FGV_EAESP reconhece a importância das câmeras corporais e, sobretudo, do comando para o controle da letalidade*. São Paulo, 30 mar. 2022, 8h51. Twitter: <<https://twitter.com/RenatoSdeLima/status/1509136136559550466>>. Acesso em: 08 abr. 2022.

- LISBOA, Vinícius. Covid-19: Fiocruz investiga hesitação de pais em vacinar crianças. *Agência Brasil*. Rio de Janeiro. 17 jan. 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-01/covid-19-fiocruz-investiga-hesitacao-de-pais-em-vacinar-criancas>>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Processos de significação, corpo e sujeito. In: *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- OTTONI, Paulo. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Editora UNICAMP, 1998.
- PAJOLLA, Murilo. OAB pede afastamento de PMs por morte de jovens em Salvador; BA é estado mais letal para negros. *Brasil de Fato*. 02 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/02/oab-pede-afastamento-de-pms-por-morte-de-jovens-em-salvador-ba-e-estado-mais-letal-para-negros>>. Acesso em: 08 abr. 2022.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- PINTO, Joana Plaza. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 33, p. 117–138, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644923>>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- RESENDE, Isabelle. Menos de 50% do público infantil recebeu a primeira dose da vacina contra a Covid. *CNN Brasil*. Rio de Janeiro. 04 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/menos-de-50-do-publico-infantil-recebeu-a-primeira-dose-da-vacina-contr-a-covid/>>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- RIBEIRO, Aline. Faroeste à brasileira: prática de tiro vira febre com mais de mil licenças concedidas por dia no país. *O Globo*. 30 jan. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/seguranca-publica/faroeste-brasileira-pratica-de-tiro-vira-febre-com-mais-de-mil-licencas-concedidas-por-dia-no-pais-25372522>>. Acesso: 10 fev. 2022.
- RIVERA, Tania. *O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- RIBEIRO, Dindara. Jovens negros mortos pela PM na Gamboa foram executados, acusam familiares. *Alma preta*. 02 mar. 2022. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/cotidiano/jovens-negros-mortos-pela-pm-na-gamboa-foram-executados-acusa-familiares>>. Acesso em: 08 abr. 2022.
- ROCHA, Matheus. Familiares denunciam que PM matou jovem negro no RJ e jogou corpo em rio. *Folha de S. Paulo*. 05 abr. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/familiares-denunciam-que-pm-matou-jovem-negro-no-rj-e-jogou-corpo-em-rio.shtml>>. Acesso em: 07 abr. 2022.
- SEARLE, John Rogers. *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SEARLE, John Rogers. *Consciência e linguagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. A filosofia da linguagem de J. L. Austin. In: AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. [1962]. p. 7-17.
- TEIXEIRA, Marlene. *Análise de Discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2005.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Da certeza*. Lisboa: Edições 70, 2012 [1969].

Recebido em: 09/04/2022; **Aceito em:** 30/08/2022.